

JOSÉ MARIA ALVES

www.homeoesp.org

www.josemariaalves.blogspot.com

POESIA QUASE-SURREALISTA

O crepúsculo venceu hoje a aurora
Depois do mistério da noite
Ter consumido meia vida
Em meia-noite vivida

O medo ergueu-se com a alba
Para que ela o pudesse contemplar
Na sua forma quase divina e etérea

Loira serpente das profundezas do desejo

A Senhora da Noite Obscura
É a minha paixão incognoscível
Luminosa estrela de braços esplendorosos
Meia-noite
Meia-vida
Meia existência perdida

A sombra explode em rosas luminosas
Florescem os seios da manhã a amamentar lírios
No mar azul-celeste de espuma ígnea
Jardins suspensos rejubilam
Ao marulhar de rochedos disformes

Um espectro diáfano perfila-se
Imagem sacra de pedra
Guardiã dos portais de catedral
De papel de seda rosa
Enquanto o Sol dói ao nascer

No dia sombrio um rio espelhado
Percorre as margens do cérebro
O mistério escorre lânguido
Pela ponta dos compridos dedos
Da noite anunciada

A montanha é um beijo áspero rude exacto
E o lago acetinado acaricia melancolicamente o afogado
No casamento da alegria com a dor
Da vida com a morte
Celebrado no campanário do crepúsculo
À vista dos dons de misericórdia
Do Inferno dos Céus
No fim da avenida do Enforcado

A noite veste-se de luar depois do dia se desnudar
Um mundo magoado enraíza-se entre blocos de granito
cinza
O vento brame
A noite em êxtase
As trevas balbuciam orgasmos nas copas virgens dos
pinheiros
O vento
Gemente
Chora lágrimas de folhas secas
Rasga o peito das sombras com o espinho da solidão
Num corpo de mulher enevoadada

Meia-noite
Meia-vida
Meia existência despedaçada

Sou no mundo o animal selvagem
Oculto em floresta de silvas e espinheiros

A água dispersa no coração
Do banquete de monstros e orquídeas

O vinho que enche as taças efervescentes
Das noites pecaminosas de luar

Sou a alma negra do tumulto
A afagar a morte com tranças de vidoeiro

O que espera na estrada sem berma
A aparição da doce aragem de romã madura

Que sulca os mares perdidos de sangue
Sem destino ou rumo na nau fantasma

O que se alimenta vorazmente do tempo
E sente que gota a gota se derrama

No oceano da vida que finda
Quando o Sol se põe

O amor é ave de tormento
Fera atroz de flecha sombria a pairar no azul
Que acorda o cosmos na escuta dos passos
De um outro coração a sofrer no silêncio das trepadeiras
do Sul

Sentado em ramagem púrpura
Na qual divaga a noite
De faces rosadas
O obus da claridade do mundo

Há uma névoa de marfim
Estanhada na Lua
As laranjas caem dentro das ameixas orvalhadas
E a mulher procura o instinto
Que se embrenha na fenda do castanheiro de argêntea
cabeleira

A cidade morre lentamente a olhar o rio
Lânguida vista de vendedor de pensos e de melancolia ao
peso
Há automóveis que são luzes puxadas por astros
disformes
Há luzes no chão da harpa dolente
Há mulheres-caranguejo a subir e descer em Santa
Ordem
O Pátio da Esperança está vazio
Levantar-se-á cedo com as chamas do ocaso a queimar os
cabelos inermes

No primeiro andar a morte vagueia no tecto sem beleza
E o Castelo das Trevas balbucia a alvorada da Casa dos
Corações
E a pomba do calor do Verão sorverá a luz vermelha da
Torre dos Moribundos

Deus vai descer à Terra
Pescará com redes de arame entrançado no tear de Yama
No oceano de todas as raízes
E verá dentro das mulheres que amo
O julgamento e a absolvição do vento nas árvores de
portas abertas
E no vinho das taças derramadas onde habitam as
marionetas de cinco dedos
Deitadas no sonho do bolso da noite acordada na tenda do
desterro
E eu estarei lá em insónia
Deitado ao seu lado
Com todas as mulheres-desejo que nunca amarei

E sonharei para todo o sempre

Arbustos de fogo ardente
Braços de plumas agrilhoados
Príncipes do Nada pudibundos
Feras abatidas com palavras de aragem
Rugido de mar nos canaviais de gente
Asilada no pomo desfeito da nuvem dos dias

Abrigo
De pobres-loucos-rastejantes manchados de chagas
pungentes cor-de-rosa
Olhos de devaneio incerto da anciã terra enegrecida por
punhais das estepes

Salvação
O Senhor-do-Mundo bem sabe o que faz
Mata estropia banha-se no sangue quente da carroça de
um só rodado
Ainda que não carregue o peso do delito exilado de
subterrânea consciência

Tristão
Triste o boi sacrificado pela farpa despovoada de piedosos
E a canção renovada da música aquática
Desaparecida na névoa escura do mar sem fim

Almas de fogo ardente consumidas pela escarcha

As coisas sonham sonâmbulas
Tecidas pelo néctar das velas enfunadas
Pela neve cantadas

As montanhas escondem as colinas
As bailarinas sussurram à chuva amargurada de Outono
E a saudade acomoda-se na esperança
Louvado seja Deus que não tem de a ter
Que nada tem de ter
Bastando-lhe o vinhal lavrado de cachos doirados com que
embriaga a Morte que assim não sabe o que faz

Vinho bebedor e escanção é o gamo que no bosque se
refugia na linha recta
Das tranças de sarças

Jogo do destino envolvido em jade
Brilho de Lua nos outeiros alagados de cedros e sândalo
Na mesa de louça de barro por calcinar
Abre-se o coração à lei dos espelhos frondejantes
Também os homens nascidos na aurora
Tremem de frio azul devastados por fome sibilante
Com o céu a desmoronar-se em sonhos-pedaços-de-
coisas

Noite escura da solidão

Rosto de espuma branca de gelo rasgado

Ó pescador de almas

A morte não existe para os jovens amados pelos deuses

Perfeita harmonia de tempo amarelecido como as folhas
de livro de pedra

Devagar devagar

As flores casam as cores sobre o gume de adaga mortífera

Pinto um quadro monocromático de infinito

Enquanto em Agrigento Empédocles discursa uivando

Um bote voga na barra lavrando o mar

Funesto túmulo dos ignorados

Noite escura de temporal

A alma sangra
Empobrece
O lago esconde-se na pedra negra que os construtores
rejeitaram
O céu derrama nuvens não profanadas
Com dedos de pétalas a apontar graciosamente a lua que
hoje é nova
E pena sem remédio

De quem é aquele Castelo nos confins da tua voz?
De quem é o eco sem fim?
Que matronas vagueiam nas ameias que confirmam o
trono de medusas?
De quem é o olhar verde que se desvia do abismo da
matança dos inocentes?

Aquele que é filho da Terra e dos Mares
É o Vivente
O Estio do chapéu-de-chuva do Outono glacial
De largos gestos estreitados ao peito de mutilada estátua
cinzenta
Fruto doirado a assistir insensível
À infinita mascarada das horas profundas
Depositadas em astros incandescentes
Nascidos dos ulmeiros da infância
Cingida por palavras anos-luz
Anunciadas por um sino velho e rouco
Engasgado pelo catarro húmido e irritante do relógio da
torre

Enquanto isso
A alma sangra numa folha azul
E exaure-se

O homem tinha as mãos crispadas de lume ao colo
Perguntava-se como búzio que pergunta ao mar
O som ao eco
O peixe ao pântano
A nortada às raposas vermelhas da estepe
Que laço o prendia aos dias

A manhã clara acocorada num carro de prata entrava pela
fresta da porta dos medos
O corvo de bico lilás aninhava-se na pele de uma cobra de
água tépida
Eva devorou no coração exausto de Adão a serpente do
arroubamento

Desviver?

O som profano das pastagens e a choupana de invisível
sombra chamam-no
O céu azul de domingo de Ramos na noite em que as
virgens se transformam em folhas imortais clama
Pela mesa de fogo curvada e rodeada por corpos negros
como tições a apodrecer nos versos antigos do aparador
da casa grande da aldeia que
Junta em cinza todo o passado

Paz Bem Bênção
Graça Bondade Misericórdia

O Senhor é meu pastor

Quem o Senhor tem
O Senhor lhe basta

E se a paciência tudo alcança
A Tua bondade quando resplandece naquela que escondes
Santifica os santos a quem a guerra é alheia
Porque é coisa de homens
E os santos não são homens
São os espectros luzentes dos címbalos da noite ignota
São tambores que rufam sem culpa ou pecado
São os que no espelho de si experimentam sentimento de
respeito e afeição pelas imperfeições de sua carne
São os que como o melro negro escondem os seus ninhos
São os que não contabilizam o futuro
Nem sinos tangem
São prisioneiros voluntariamente encarcerados na infinita
cela do Amor

O Senhor lhes basta
A sua alma basta ao Senhor
E de mãos dadas transcendem o espaço e o tempo

Nas avenidas deste sacrílego país
Soterrado de mentiras e ardis
Ergueu-se pregoeiro de voz sonora
Velha raposa amestrada entre oiro e areia

Levantou os olhos às profundezas
Ergueu-se do covil do lobo branco
Jurando pelo demo embriagado de podre sarro
A candura das almas a leiloar

Políticos Magistrados Poderosos Letrados
Todos interrogados pelos
Compradores de Escravos

Outrora estimados hoje odiados nem uma
Moeda pagou seu resgate Nem Satanás
Os quis em suas terras ardentes

Partira na direcção do Leste
Quando a lua se escondia nos seios das fragas
As aves começaram a acordar no espaço surdo
Como se a escuridão da noite tivesse todas as portas do
beijo e da paixão encerradas

Debruçou-se no seu próprio corpo
Como se debruça nas nuvens floridas quem nasce para
amar
Olhou para as palmeiras com um pássaro verde e azul na
cabeça
A semente do homem espalhara-se chegara aos
corredores vazios
O mistério da sua fuga nunca seria desvendado

Pequena porta de cave ecoava num sonho avermelhado
A pele gelada as mãos frias de vento de Outono
Os degraus exaustos com a luz do Sol apagada
Um jardineiro de papel à entrada dava a ideia de ausência
glacial
Gravatas e sobretudos cresciam nos cantos em vasos de
plantas inventadas
Um coxo debruça-se na máquina de fazer cigarros
cumprimenta-a e despede-se até mais logo
As mulheres seminuas absortas na concentração vítrea do
lucro tremiam
A noite a retinir semeava o mar de navios e de fantasmas
Uma-oitava-acima cantava o desamparo de corsários
ébrios

Ia de novo evadir-se do cárcere desgastado
Mas a porta escancarada com as goelas a espreitar
Tamponou o tempo
Que só fora dela existia

A taça orgíaca numa mão
Uma mulher orvalhada na outra
E a acidez da ansiedade a corroer-lhe o coração
Aproado à volúpia do rumor
Da madrugada no cais deserto

No arco desfeito por sete estrias azuis
Olho o reflexo da noite no asfalto brilhante
Com todos os seus corpos de sonho a errar sem destino

Caem por terra os grãos de cereal oculto
A quem o arado da angústia não semeia no coração do
anelo há tanto perdido
No lume infernal das sete candeias ripárias

O menino é de oiro
Foi violentado pela marginalidade da volúpia e do desejo
canibalesco
De quem se banqueteia com a culpa de sua própria carne
Das fezes expelidas na atmosfera húmida das bocas
imundas de sémen negro

O menino é de oiro
Mas a justiça é negrura cega
Convertendo o oiro em lento esterco nauseabundo
Putrefacto
Pisado pelo veado dos anos-sem-fim
Da corça que tarde sempre chegou às prescritas
pastagens
Da cumeeira tardiamente enfeitizada por carvões em
brasa

Em todas as coisas pequenas
Nos ínfimos detalhes com asas de tempo
Morre a memória do homem com a mão no ombro
De bolsos desflorados pela desonra

O menino é de oiro
Venderam-lhe a pudicícia na pedra do sacrifício
Estrangularam-no para todo o sempre

Em cabos de velame cinza inerte a olhar o Tejo a desfilar
indiferente

A alma feliz senta-se à mesa
Banqueteia-se com os restos mortais do papel
amarelecido
Maços de letras amontoadas no esquecimento entorpecido
da capa escura
O piano toca a madrugada do redentor
Exausto afasta-se
Abre-se a história sagrada da lenda e do incenso
O homem do horizonte prende-se a um pássaro de campo
por ceifar
A árvore de tranças purpurinas cortada em sete pedaços
A alma dos ímpios mergulha numa melancia gigante à
beira-rio
Seis as talhadas
Seis os venenos
Seis as fraudes
Seis as ignomínias do lodo
Pisado suavemente por pescadores de púlpitos
adormecidos em cadeiras bolorentas

Sete vezes setenta olvidados sem perdão

Anunciação
O vital reflexo da vida
Instante breve do adeus do corpo imóvel
Vitorioso caos do mármore calado
Nuvens presas por tiras de couro às trevas
A fábula iluminada por poema larvar
A quem resta o mar adormecido
Donde nascem estrelas
Desenhadas na morte do declínio

O menino é de oiro
Verde é a explosão no infinito da dor
Do deus-dardo criador da miséria e do sofrimento acolhido
na sombra do aguilhão ensanguentado

Onde está o Atirador?

O tempo some-se nas caves do esquecimento
O lago gela na viagem do homem para a morte
Um rapaz transporta erva húmida
Apoiada na virginal pele macia

Murmuram as fontes junto aos riachos
Que à costa dão nas marés de Setembro
Da gandaia de rosto sulcado por negras vagas
Acocoradas nos mouchões da corrente norte
O vento endoidecido não suporta o brilho do sol
Reflectido nas pequenas flores das ervas da margem

Pudesse eu viver tudo de novo
Tudo viveria de novo
O que a terra me deu
O que num último abraço me há-de dar

O relógio que não tenho
Da sala que não tenho
Bate
Há luzes moribundas na abóbada
Delírio de despedida e
O coração em chamas sem fumo
Bate

O céu vai alto
Tão alto tão aéreo
O meu braço não o alcança
Vai alto
Como a rua em transe
Do meu espírito em cruz
Vai alto

O tempo é um lameiro reverdecido e penhorado
Às montanhas seminuas

Com noite de ossos de estrelas cadentes

O tempo é pureza e loucura

Paisagem destruída

Daquilo a que chamam vida

Nos corredores da morte

Vou-me

Não sei para onde

Vou-me

Deixando para trás a encruzilhada de néon

Vou-me

Cavalgando lágrimas e trovões

No vento dividido pelo quadrante da indecisão

Refugiado no patíbulo do Fazedor de Chuvas

Desperdiçando dias de amor

No fracasso da eternidade

Tarde comecei a escrever versos
Uma cepa de maus poemas entrelaçados nas videiras
bravas do sem-sentido
Já os havia escrito nos cabos emaranhados do cais do
esquecimento letárgico
Das pedras gastas do ancoradouro Norte
Esses
Nem bons nem maus
Dos quais não me recordo do mesmo modo que a Sé
Catedral não relembra as promessas angustiadas dos
aflitos inscritas nos altares e santos gastos por orações
douradas

Escrevia-os e lia-os
Enquanto tu no teu distendido pêlo fulvo interrompias
Vivaldi para os ouvir
Os teus olhos iluminados desaprovavam a dissonância de
grande parte das frases encadeadas num arremesso
Outras brilhavam nos teus olhos luzeiros de universo
Olhos compassivos sem mágoa

Adormecias ao som das quimeras ditas num sopro
E tal criança brincavas infantilmente com as imagens
Das garatujas
Ficando o meu mais profundo ser
A velar por ti horas infindáveis de espanto

Qualquer movimento teu era uma palavra redonda
perfeita
Qualquer olhar nocturno um Canto à Fé dum mundo-sem-
esperança
A Elegia do Olhar vagabundeava na nossa cabana com
vista prateada para o rio verde-esmeralda que nunca
consequiste ver

Dia noite noites dias meses contigo a olhar
Reprovando as lágrimas ensanguentadas do momento
pontagudo do desespero
Porque a paz já nascera nas paredes encantadas do mais
rico dos palácios
A cidade magnífica do Amor estava aos nossos pés
Poço de água pura inesgotável

Apenas te vi chorar uma vez eu que tantas chorei e senti
a fraqueza duma qualquer erva a vibrar no caminho
Partias para o Reino da Morte e eu verdugo havia indeciso
assinado o veredicto
Pedi-te
Não chores
Uma parte da minha alma vai contigo
A outra saberá onde te encontrar
Quando juntos entrarmos vitoriosos na Cidade Branca do
Cume

Os corpos arrastavam-se na noite
Salteada de luzes mudas
De prédios adormecidos habitados por carne pútrida
Ali ninguém perguntava à vida a essência da morte
Passavam simplesmente ou
Sonolentos cerravam os olhos ao som de uma televisão
surda e insensível
Algumas crianças ainda brincavam com jogos de imagens
terríficas enquanto no quarto ao lado os pais consumiam
em segundos a última erecção

O rio corria lento na direcção das Américas
Com as mágoas à superfície
E o pecado acantonado na escura profundidade
Cintilavam almas nas cristas das pequenas ondas de
marfim polido
Armadas ao capricho da brisa da memória

Alguns pescadores deitaram botes às águas
Acorrentados à proa por frágeis cabos desfibrados
Vagos pensamentos sem nexos das ruas desertas da
cidade
As reflexões dum povo literatura-de-cordel
Reinando ao faz-de-conta da sensibilidade da última
claridade lunar
Acomodavam agora almofada de plumas dos sonhos

No meio do rio levantei âncora depois de ter bebido
O sumo acre da última meditação do dia
Icei a grande apoiado no mastro a penetrar o insondável
céu negro
Desenrolei a giba da amargura
O vento variável ajustou-se à medida do meu coração
alado e
Com hálito perfumado de jasmim enfunou os panos

Quantas milhas a percorrer?
Quantos nós sacramentais serão servidos na bandeja de
prata pela Brisa-do-Amor?
O rumo incerto em bordos consecutivos
O certo abatimento do bordejar
Atira-me para um imenso mar de dúvida
Na miragem da Terra Prometida

Olho para as margens
Com seus bares-mulheres
Risos palavras pesadas na balança dos sentidos
Viro de bordo
E a cada viragem
Os desejos abatem para terra
Com o velame a bater descompassado
E cabos de amarração seminus
A vogar ao sabor das delícias enfeitadas que nenhuma
oração excomungará

Aterrarei alguma vez na Terra Prometida?

O céu está cinzento mas o teu corpo brilha ao sol
Incendiando as florestas que te envolvem
Tudo sucumbe à tua passagem
Com as leves pegadas das sombras
A acariciarem as giestas de flor branco-puro

Espero-te no lado sombrio da noite
O coração despedaça-se na dúvida do consentimento
E a mente obsoleta insensível
Fervilha na Lua doirada
A banhar
Suave
Dócil
As estevas

Estou só
Na solidão
Sou a solidão

Estou só
No mundo
Sou o mundo

Abraço os seios da eternidade contra o meu peito sofrido
e exangue
Sulco com o arado das mãos os teus cabelos ondulados
Graciosos a esvoaçar na quietude do espaço
Belos e serenos
Belos
Serenos
Como deuses

As janelas abriram-se hoje à alma do mundo
Lá fora uma roda de gente apenas sabe que existe quando
algo lhe dói
Minha mãe amor de todas as mães das cotovias distantes
Acende as luzes do descampado
Iluminando o céu com seu sorriso virgem
Dança-se no terreiro o contentamento do espaço imenso
Da Fortuna de quem não tem pensamento

Já só sou o que apenas sou sem os brinquedos da
inocência
Tudo o que me envolve é mistério
Segredo-de-gente-grande que não é segredo nenhum
Como corpos a palpitar desejos silentes

Da porta do Nada vem
Abraça-me no seu colo eterno e beija-me a face granítica
Volto a ser criança o garoto magro da trepadeira que roça
o musgo do muro de pedra
A ter o que não tive ou que tive e esqueci na labareda dos
dias frios
A ser o que na vida não projecta vereda enfeitada de
azul
E o que destrói a máquina do tempo no Agora
fosforescente da ingenuidade
Criança envelhecida pura e distante de negros espectros
Amante do amar de velas de luar acesas

E sou no meio da noite parturiente
A fria expiração do passado
A quente inspiração do presente
Rosamundo enfeitada de Vida

No dia triste dos caminhos áridos
Anémonas serpenteavam o cume da rosa branca
Melancólica na respiração opressa
Do ar rarefeito da angústia

Senhor
Tu que me habitas
Consola-me

O lótus asperge luz no zimbro rasteiro da ânsia
Tu és o som das nuvens a roçarem o ápice
Do vento revoltado nos caules da inquietude
E na raiz enevoadada da esperança

Senhor
Tu que me habitas
Vence o meu inimigo

Tu som sacramental do Vazio
Fonte do objecto disperso dos meus sentidos
A quem a razão dissemina no esquecimento da memória
desmoronada
E a neve oculta no rigor da adversidade

Senhor
Tu que me habitas
Vence-me a mim mesmo

As faces sedosas de tua bondade
Teus longos dedos da benção invisível
A indiferença que é compaixão no lírio e no melro
Faz de ti meu Mestre de Dor

Senhor
Tu que me habitas

Alivia o meu jugo

Uma vez que seja

Abro as portas da mente

Uma vez que seja perante ti me ajoelho

E rasgo meu rosto na sarça ardente

Senhor

Tu que me habitas

Liberta-me para sempre

Noite na Sé
A ceia que nem sempre tarda
Aos pombos recolhidos tardava
E aí
Num Amor forte como a Morte

Dividimos nossas almas
Na insolência do encontro
Decisão de inevitável união
Quase canibalesca
De espíritos insatisfeitos

A noite agarrou-se com firmeza
À pedraria da catedral
A acender os últimos eléctricos
Enquanto nos afastávamos
Afáveis desconfiados

Nas ruas desertas
Que desde sempre
Parecias conhecer
Olhavas-me pelo canto
De um olhar negro

Inundado de paz
Onde havia almofadas
Pelo chão estendidas
Com gente descrente
Estampada nos cantos

Na sala gente
Vestida de desejo
Verdejava palavras
Rastejantes
Que te procuravam

Almofadas escarlates
Azuis de céu ultramarino
E talvez
De âmbar desmaiado
Talvez

Mas só tu existias
Na orientalidade graciosa
Como exististes na
Longa noite africana
De volúpia contida

Por tanto tempo
Que nenhum relógio
Pode medir
Nenhuma ampulheta
Em si conter

Minhas mãos
De olhos fechados
Penteavam suavemente
Os cabelos lisos
De tua alma límpida

Absurdamente límpida

Não era sexo
Ou era sexo
Sem ser sexo

Noites estranhas
De delícias imponderáveis
No silêncio
Da árvore contemplativa

Espasmos rítmicos
De ramos orvalhados
A beijar os lençóis brancos
As rendas de teu perfume

E o sândalo dos sentidos
Efervescentes

O vizinho perguntou
O namorado já não vem?

Os roucos gemidos cessaram
A alegria do sangue nascente
Laqueou o flanco inerte
A mente dolorida
Adormeceu no leito do sofrimento
Onde os sonhos
São breu de noite sem fim

As feridas abertas
Em puro vinagre
Sararam

Uma não
Sara
Essa irá a morte
Sará-la com suas mãos
De veludo e Amor
Gentil na voz
Nos gestos de vinho doce
Nos suaves beijos
Rumor de mar

Desceram do trem com aquele ar impertinente de quem
não sabe o que faz
Tiraram fotografias que irão apagar as falsas delícias da
ignorância
Assim se foram como vieram

A barca é um cabo
Que o mar arrasta

A alma é um feitiço pesado
Que o barqueiro alastra

Um santo homem morre de fome
Enquanto Deus toca trombone

A verdade secreta está no umbigo
Vento e vácuo sem paciência

Nas masmorras já não há fogo
O orgasmo é aparência

O Sol brilha no fundo do poço
Raiva e ódio no mesmo moço

Aceita-te asno tal qual és
Erra em todas as direcções

Faz circular o sopro dos dez
Chama os mortos nos pontões

Assim morres hirto
Assim és assassinado

Degolado como um pito

Era a história simples de uma princesa-abóbora real e duradoura como a constelação de Órion Na noite escura de nuvens ociosas levantava os braços-punhais ao céu chorando solenemente dias como todas as princesas que o são de nascimento e não de compra Elegante vestia cetins debruados a chita para agradar ao povo doente dos olhos mais doente da mente O pai ministro primeiro mentia naturalmente com a naturalidade das ondas que se desfazem em lixo no areal A mãe era meretriz aposentada sem eira nem beira que ainda esboçava por aqui e por ali um jeito da sua extinta graça

Deste modo cresceu

O pai mais mentiroso a mãe mais puta do que nunca

Um dia em que os trovões se divertiam a fazer estalar os vidros do céu surgiu do reino Do-Não-Sei-Quê um príncipe encantado de desencantos tantos que mais vale calar e de quem se enamorou Anunciada a boda casou

Com o casamento ficou a família destroçada

Pai mentiroso

Mãe puta

Noivo bobo

Filha para sempre desgraçada

Transformei as palavras mortas em seres mágicos
Ora castelos de folha de ouro ora pontes submersas
Pouco importa se as compreendo
São mágicas
Plasmam-se por si na folha branca enquanto a viagem
crepita nos carris
Falam de si umas às outras encadeando a paisagem
entrecortada por soluços
Compasso de folhas de Outono e frase dos fetos verde-
vivo a rebentar na terra negra

São palavras-vivas inapreensíveis
Palavras em mutação num sentido veloz e fosforescente

A literatura está cheia de palavras-mortas que teimamos
exumar na corrupção das ideias circulares
Estereótipos do minimalismo pictórico das fachadas
cartesianas

Sei sabemos que nada há de novo debaixo do Sol
Mas sei que tudo o que é mágico
E o que é novo não pode ser compreendido
O que é mágico é-o como a bolha de ar na corrente do
ribeiro ou a pausa binária no pensamento

Amanhã estas palavras já não mais serão mágicas
Nenhum coelho sairá da cartola donde irão sair as novas
ou mesmas aglomerações de letras que serão de novo
mágicas e penetrantes
As antigas foram sepultadas ao vento que passou e que
não voltará a passar
Ficam as novas a aguardar a brisa do pão nosso de cada
dia

Há a sombra do medo nas coisas que amo
Há uma cave vazia no poço do tempo
Há uma estrada vazia onde o dia finda
Há um arbusto em movimento no ciclo misterioso do
nascimento
Há um vazio de riacho a correr nas veias da terra
Há um castelo uma carruagem e um rei sem trono
Há um campo de areia semeado com sal
Há a calúnia do riso e o insulto da oração
Há a voz cega dos objectos e a surdez muda dos homens
Há o vento que sopra na mão cheia de ídolos alienados
Há a ilusão do dia uno no carreiro do tudo
Há a ilusão do tudo no caminho de um só dia

Atravessámos juntos as imensas florestas
Tocámos as estrelas com nossos dedos
Embainhámos as espadas
Diluímos os desejos no pavimento rochoso
Rasgámos todas as folhas de livros sagrados
Semeados em solo estéril
Bebemos de todas as águas
De todos os venenos
E
Recolhemos o fruto no ventre rasgado do universo

Hoje no sono vi-te no mar de trevas do frágil arco do
desamparo
O corpo desmembrado pelas límpidas águas da purificação
No movimento incessante dos que para sempre partem
Para sempre retornam nos corações floridos
E no Oceano em chamas se dissolvem imperturbáveis

Vi-te no campo arado a ferros
De desejos semeado
Na colina ausente da batalha
Onde estão plantados os desconhecidos soldados de
guerras intermináveis
Sepultados na carne fresca de abutres e corvos

Vi-te morta a ti que ainda vives
Tu que de pé estás liberta de todos os sacrifícios divinos
da vida na pedra morta dos altares
Dos ritos frios de deuses inventados
pela dualidade entorpecida

Acordei novo com um novo sabor a quotidiano na boca
amarga
Disposto a representar novo papel trágico-cómico
Não te vejo
Já não bebo do teu vinho unindo a terra ao céu
É na minha taça que viajo pelas galáxias longínquas
Espirais de ovas lacustres
Esquecendo o meu o teu corpo
Dispensando tudo o que não vive livre liberto da própria
liberdade

Escrevo-te em segredo como a planta que deseja enflorar
Ser cor cor à meia-noite e cor ao meio-dia
Que desperta na sombra colorida do lago coberto de
espelhos onde se debruça
Ou na campa rasa que beija

O meu corpo tem nove portais
Mesmo que a todos encerre
Seremos trespassados pelo som eternamente acutilante
do Amor
Saibamos ou não quem somos
Sejamos ou não pó

Eu posso ser tu
Tu podes ser eu
Porventura Tu és eu
E eu Tu
Se tu és eu e eu sou tu
Eu e tu somos Tu
Trindade num só

Lembro-me de quando rezava orações de rodas dentadas
em máquinas perfeitas
Nessa altura eu era mais feliz
Havia Deus em todas as coisas todas as coisas eram Deus
O verde das searas era mais verde
O azul do céu era mais azul
O mal era menos mal
Tudo tinha a explicação simples das noites de luar
O mal do mundo não era Dele era nosso e
O bem era Dele e nosso
E tudo estava bem eterna e infinitamente bem

Se hoje voltasse a orar
Orações imperfeitas de esquecimento
Provavelmente tudo estaria bem
Mesmo as engrenagens corroídas pelo tempo ferruginoso
Tudo estaria bem
Para todo o sempre bem

Há dias que não têm ninguém para olhar
Com seus olhos condenados à solidão do corpo
O último comboio de quem não quer viajar em pássaros
combustíveis percorre sonolento as estações dormentes
Os carris untados de saliva diurna enchem a noite de
cansaço
No som luminoso das juntas de dilatação

Já pouco nos resta
Para além dos corpos carbonizados
A jazer na berma dos acidentes da vida
No céu indignado as nuvens fistuladas por acessos de
raiva espermática
Deslizam na superfície da parede que se incendeia ao
contacto do corpo efervescente
Com a dor dorida do destino humano

E seja como for
As mesmas palavras
Os mesmos gestos
Os mesmos sonhos transparentes
A mesma chuva nas velhas vidraças
O mesmo Inverno bolorento

Os seus passos caminhavam absortos no leito do rio
reflectido nas luzes amarelas da avenida

Perguntava-se

Quem tem a natureza da suprema felicidade e a natureza
feliz de todas as felicidades

A quem deveria render homenagem naquela hora de
negro desespero

Olhou-se no fato escarlata do desejo

Fez circular o olhar graus de vertigem

Apertou os dedos nas mãos ressequidas pela brisa
marítima

Deixou o coração de corda palpitar como brinquedo barato
que pudesse levianamente desperdiçar

Na visão de longínquos corpos que saíam de bares isentos
de sémen

Exasperou

Iria continuar sozinho

Oh ânsia de sexo

Nascera homem na cal do dia enevoadado

Poderia ter nascido pedra cacto rato

Mas nascera homem para adorar esfinges de pedra
barrenta

Sem ter a quem seguir

Na rua escura com espectros de carne jovem não tinha a
quem amar

Nem mestre para ouvir dizer que ser feliz é atar um
nagalho no sexo entupido

Eliminando-o do quotidiano azedo

Remetendo-o para os sonhos do sono quase profundo do
decesso prematuro do prazer

Enterrando-o na maré vazia de esperma estéril

Regressou ao quarto das águas furtadas
Seu pequeno mundo florido de quimeras ornado a
melodias barrocas
Mais certo do que nunca
Seria para sempre o seu próprio Mestre
O Eremita do Ninho das Águias

Uma viagem por Lisboa
A angústia de simples mortais enclausurada num
transporte de multidão
Uma viagem sem história

Processionárias em fila interminável levantam a pata do
verde velho cavalo branco de D. José
Uma mulher toca bombo num garoto

O Grand Voyager está ancorado em Santa Apolónia
O rio dorme a sesta
Uma inglesa coxa corre no vermelho
Por todo o lado contentores cheios de dúvidas e um
comboio amarelo de icterícia sem locomotiva
O governo de Portugal passeia-se num cacilheiro

Cartazes
Descubra Portugal um país que vale por mil
Ossos saudáveis constroem-se com muito cálcio
A luz que apaga o passar dos anos

Meu pai na cama dum hospital de luxo
Uma médica chinesa ou chinesa de Macau explica o
inelutável
Julga que não confio em médicos
Adivinha
Não confio em ninguém para além do vento crepuscular e
da névoa que de manhã lava o convés das embarcações
Da janela um pedaço de ponte suspende-se no horizonte
No quarto ao lado uma gralha
Uma gaivota míope voa em círculos sobre os prédios
riscados como bibes
Há movimento
E há andares cheios de dor e morte

A morte estava diante dele
Oferecendo-se como ode das coisas antigas
Das insónias imemoriais

Batera-lhe à porta
Desta vez encontrara-o
Sem fé nas recompensas de um outro mundo
Com o trevo florido na lua escura
E os dias a não contarem horas de sol

Um canto suave atravessou a superfície do mar Amarelo
Violetas sangraram na neve
Os restos frígidos das paredes caiadas de estopa
Afundaram-se nas palavras de loucura
Um remo saudou as águas contra a corrente de frio
mármore
As colunas dos palácios mortuários cederam ao peso dos
arcos
E os portões reais abriram-se
À voz da guilhotina

A morte batera-lhe à porta
Enquanto o sol se punha atrás dele
Lembrando seu próprio corpo
A repousar sob uma cruz verde
Sem nome
Dum mundo encerrado na concha vazia e inerte
Da vaidade e do orgulho

Recordo hoje os meus camaradas
A sanzala escura do medo
O fogo cruzado das tracejantes
Inundando o céu estrelado

De festividades profanas
Recordo a lama nos membros
Ensanguentados sem corpo
Das minas traiçoeiras

A explodir no sangue coagulado
Duma guerra cega e suja
Recordo o olhar negro

Da esbelta negra-chocolate
Vendendo languidez no jardim
Suspenso da cidade alheia à morte

Cinco ou seis horas
Madrugada
À porta da padaria
Uma cigana velha
Aprisionada
Em negro veludo
Profundo
Tão profundo quanto o Universo
Invisível

Um casal de jovens beija-se
Nos lábios gelados
Nas faces pálidas
Da noite acordada

Um cigano
Pequeno
De barbas brancas de gigante
Acaricia-as lentamente
E olha para o céu
Procurando a sua alma
Numa estrela de que não sabe o nome

Entretanto
A padaria abriu
E o céu fechou-se
Na realidade do pão quente

Não há quem não tenha experimentado as dores do amor
Amor das palavras de pálpebras cerradas nas olheiras
arroxeadas
Amor que morre de fome e sede
Às portas do templo
Rasgado por juramento de condenados
E mulheres de véu púrpura
Ajoelhadas na velha religião
Das dactilógrafas extintas

Há pássaros em gaiolas pintadas a oiro marroquino
Há uma infinitude de D. Juans com odor a homem
Carícias de Outono
Ardis de Verão
Há cortejos de prostitutas
Há uma Branca de Neve em cada mulher da vida
Há cortesãs nas mulheres-família
E ainda
Há a mentira de tudo isto e o sorriso acre misterioso do
cego e do seu macaco

Já não estás na esplanada
Varanda para a avenida
Da vida alheia

Cansaste-te deste mundo
Partiste
Deixando o vazio do humor

Na cadeira reservada
Nas garrafas quase vazias do balcão
Nas tardes lentas dos trocadilhos

Não quiseste ficar neste mundo
A morte deu-te as férias
Da vida

E as férias transformaram-se no tédio
De quem não tem um poema para escrever
Nem um quadro para pintar

Nem ninguém para amar
No dia de todos os santos

Desciam a rua
Pálidos
Esquálidos
Com o sangue coalhado
Nas palmas das mãos
Com eles
Um cão
No passeio matinal
Levantava a pata
Ameaçando o inevitável
Nas esquinas obsoletas do esforço

Caminhavam com gravatas
Vermelhas
Da moda
Subindo escadas de claustrofobia
Elevadores montes-de-gente
Sem rosto
Transparentes

Um dia mais
Igual à sonora carruagem do quotidiano
Mais um dia
Igual aos modos cinzentos do rapaz da pastelaria

Computadores a acender-se ao raiar da aurora
Números rodeados de sinais cabalísticos
Fixavam-se na economia plana dos monitores
Gastos por olhares depressivos
Papel de luzes opacas amontoado em cadeiras
mortalmente desocupadas

As mesmas palavras os mesmos rituais a mesma vigília
descontente os mesmos carros a rolarem nas suas marcas
a exibirem seus modelos

Mulheres com calças de contrafacção comprimiam-se na
celulite exposta aos olhos interiores dos quartos acesos
Uma argamassa de pó betumara as rugas do desvario
Numa qualquer hora diurna dos motéis da auto-estrada
Apressando-se numa corrida surda
Inflamando os sentidos erécteis do despertar

Apercebi-me então
Da sua essência
Vivos-mortos
Caminhei a seu lado na nuvem ilusória da calçada
Em transportes destinados a um outro mundo
Com rodados flutuantes de sonhos materializados
Execução orçamental de parlamento acororado em vis
destroços de restos humanos naufragados

Agora já estou só
As conversas apagaram-se
O Sol acende-se com lentidão no horizonte queimando o
último azeite da miséria
Iluminando prédios escurecidos de melancolia com raios
branco-pardo

Os mortos-vivos recolheram às suas celas
Para poderem viver momentos de crepúsculo
E voltarem amanhã depois do sono
A morrer
Nas mesmas calçadas de sempre

De ventre em ventre
Nasceu

Em busca
De uma forma

As pedras dos ícones
Dos altares

Da parede do oratório
Não são mais adoradas

Repousam da adulação
Deixai-as repousar

Amo a tua sombra
Riqueza ciosamente guardada na folha de Outono do
herbário
Carícia nas águas estivais do ribeiro
Sombra da sombra do plátano do pátio da escola
Indiferente à reputação
Ao escárnio
Ao poder

Amo os olhos da tua sombra
A visão imperturbável dos teus cabelos penteados no
espelho longo do salão
Não sei porquê
Mas amo
A forma cinzenta em que arrumas graciosa teus passos
A pele branca lúzida com que sorris
As frágeis palavras que tua voz canta

Amo a tua sombra
E apenas ela sabe que amo
O teu segredo

Aqui cheguei sem saber donde
Daqui parti em travessia cujo destino desconhecia
Do nada para o Nada que Tudo é
Verdade vedada pela ilusão da matéria
Pela ilusão da própria ilusão
Que a si mesma se pranteia

Guarda as lágrimas para os males do mundo
Se te amas não te lastimes
Se te amas não te deplores
Se me amas não me chores

Comigo nada transportei
Nem sombra dos bens que acumulei
Não vejo realidade no que realidade não tem
Estou liberto da ilusão
Estou liberto das trevas de Maya
Da injúria e do louvor
Não voltarei a conhecer a dualidade
Tudo é Um
Suprema beatitude da Unidade
Na eterna Casa do Amor

Cortei com o gume da espada dos justos
As amarras da dor
E vogo agora no mar do êxtase
Eu que sou
O sal que se dissolve no Oceano da Vida
O Sol que brilha no Todo
O tudo que no Tudo se decompõe
O que na pura alegria da Beleza e do Amor sem fim
Se refugia e
Enquanto a noite escura vos ilude
Penetro o universo
E a infinitude de formas mortais

Sequiosas de divino afecto

Meu corpo ardeu e fez-se brasas
As brasas fizeram-se cinzas
As cinzas vaso de recordação
Enquanto em morada eterna vivo
Num horizonte de ternura infinito

O pote de argila desfez-se em cinzas no fogo ardente
As cinzas subiram nos céus depositando-se em partículas
no solo violado
E o meu coração incandescente já não existe

Cinzas são apenas cinzas derramadas noutras cinzas
mortas
Que não sujam nem são sujas
Não ofendem nem são ofendidas
Não humilham nem são humilhadas

Destruído o vaso de argila
Decompuseram-se para todo o sempre
Os sentimentos negativos
Mesmo os mais profundos e obscuros
Os desejos e as paixões
O eu mortal inconstante e impermanente
Animal ferido na floresta minada de perigos
Que se agita inquieta e angustia

Extinto o desejo
Aniquiladas as paixões
Com a mente apaziguada na tranquilidade do Vazio
Penetrei a Alma
Onde Ele reside

Não há orgulho que consuma o que está consumido

Atingi a minha morada
O mundo deixou de me seduzir
Não me choro nem vos choro

Não me peças perdão

Perdoa-te
Na terra das searas do pão eterno
Não há nada a perdoar
Tal como não havendo ferida
Não há enfermidade para curar

A minha morte tem um gosto amargo para os que em
vida não souberam morrer
Sou um pastor com o rebanho tresmalhado nas pastagens
para sempre verdes do vale doirado da reunião
Confundido pelo medo agonizante do dia da vossa perda
Amo e sou amado
Para além de qualquer condição ou contradição

Cuidarei de vós de mãos dadas com quem de mim agora
cuida
Que em vós não haja mais orgulho
Ganância
Ambição
Que nada vos afecte
Nem calúnia
Louvor
Ou insulto
Não recebais tais presentes envenenados
Devolvei-os aos seus doadores

Peço-vos paciência
Peço-vos esperança
Peço-vos caridade

Sigam o Amor
Sem ódio rancor ou raiva
Que os rios caudalosos vos não atormentem
Que as montanhas em queda vos não apoquentem
Que cada passamento seja uma lição
Vençam em vida a morte
Façam florir o lótus em qualquer Estação

Aguardo por vós na Luz
Na terra da alegria infindável
Chamada Reino

Podes ter tudo o que quiseres
Somar matéria à matéria
Acumular bens
Ostentar riqueza e poder
Mas não terás descanso
Enquanto não cremares o desejo
O ser e o ter

Dedica as tuas acções àquele de que me alimento
E fica onde estás
Ou parte sem partires
Porque todo o lugar é templo de adoração
E o maior de todos a tua Alma e quem o conhece conhece
a Alma do Mundo
Fica onde estás
Não O procures de igreja em igreja
De peregrinação em peregrinação
Ele está no mais profundo de teu coração
Fica onde estás
Mesmo ausente
Alivia o jugo da tua mente

Morto o desejo
Vive para a eternidade

O caminho é estreito e pedregoso e a Porta inabalável
Clamai por Ele para que o trinco de seus portais se abra
Na Casa onde para sempre seremos

Sejam felizes em vida e na morte
Não me chorem
Não se chorem
Festejemos este dia
Na Paz dos Tempos
Na Terra chamada Reino

Só é feliz quem o Bem tem dentro de si
Faz o Bem
Essa a tua única Missão

Todo o resto ilusão

Guarda as lágrimas para os males do mundo

Se te amas não te lastimes

Se te amas não te deplores

Se me amas não me chores

Faz o Bem

Barcos doirados no horizonte
O trevo das ondas florido
A brisa de leste
A golpear o pescoço

A eira e o canto da mocidade
Já não repousa no teu peito

A criação dos mundos
Respira ofegante nas trevas
E o sinal dos tempos foi exibido
Nas garras sagradas

A água dos oceanos engoliu-se a si
O sábio da negra muralha
Esquecido de tudo
Até de si
Limpo de mancha
Olha o nenúfar embriagado
Que há cem mil anos vive

Noite escura
A rua começa a encher-se
De esquinas
E o mar crucificado
Entre sorriso e pranto
Oferece a sua dor aos deuses

Tanto eu amei
Tanto eu vivi
Fui amado
Odiado
Pelo rubi que carrego

Sempre o mesmo tédio

Sem asas não voltarei a amar
Sem o sonho que sobe a colina
Ao adormecer
Com as árvores a fitar o corpo
Não voltarei a sonhar

Remorso e culpa
Curvaram-se ao trono

Enredam-se nos troncos
As lianas
Pergunta-se em silêncio
A eternidade

Se fosses a Lua
Amar-te-ia
Do crepúsculo ao amanhecer
Seria teu escravo
Na vida
Depois da morte me chamar

Se fosses a Lua
Amar-te-ia
Nos lençóis purificados dos lábios
Doces de mel e pólen
A assomar na falésia
De meu sonho extinto
Na floresta imensa

O economicista das mangas pretas
Espécie de orçamentólogo
Comentava o forro laxativo
Da despesa pública ectodérmica

À sua direita um eclesiástico
Sem cura aparente
Ectoparasita
Entrava em eflorescência no eirado

O sacristão embatucado
Atónito
Recolhia as esmolas do dia
Enquanto o canal televisivo
Caixa de emoções e desventuras
Em hoste rocambolesca
Lia continuamente as sondagens
No perde-ganha do percevejo-do-monte

Em sintonia seringada
De sermão vicioso e
Prosaísmo demagógico
O populacho pró-germânico
Rendeu-se à supra-sensível
Panaceia redutora
De quem apenas quer dormir
Sossegado
Sossegado

Está um frio terrível
No café
Entra a velha romena
Vende revistas
Pede esmola
Dou-lhe uma moeda
Contrariado
Lembra-me que é Natal
(É natale siô)
A dona oferece-lhe uma sopa
É Natal
Uma sopa e um pão
Não sou tão bom quanto penso
Quanto pareço
E a vida não tem sentido
Apetece-me chorar

Queda de água
Deixa que te beije
Que plante no teu seio
A maior das rosas

Não há palavras
De que servem as palavras
Para que servem as palavras
Na paisagem destruída?

Habito a tua voz
Tanta ternura
Calou-se o grito de guerra
E tu mulher
Nua
Deitada
És o incêndio
Que consome o poema

O umbral da porta
Onde plantamos o arroz
Tal pérola que surge do mar
Guarda no regaço o beijo
Que frio escorre nas veias

Uma lapa cavernosa
Um coração latente que me é dado
Uma noiva lavada
O amor que é certo
Que a chuva não ouve já
E a minha penumbra enfada

Assim seja
Seja ela o amor
Seja ela a amada
Ó mísero judeu
A quem o chão negou o pó
A quem a névoa
Arrancou o coração

No céu azul
São belas as entradas
Na minha alma
Subtis as amadas

Mecânico o pensamento com sua grotesca aparência
Parecia superar as barreiras do aniquilamento
Vendo sem coisa alguma ver
Na parcelar abundância

A profundidade estridente
Encerrava mortalmente a visão da estrada íngreme
Sinuosa
E em fúria
Uma única nuvem no céu

Os ossos da memória
Vergavam o cérebro no vazio
Da avidez e da inveja
Dos edifícios calcinados
Na mudança frívola da autoridade
Calcada da avenida
Aniquilada pela dissolução
Do patético rol das lembranças

Ao anoitecer
A chama da atenção
Alimentava o fogo da criação
Nos escombros das necrópoles
De portais escancarados aos vivos

Havia uma sensação de amor
Recordações de corolas murchas
No solo arenoso da alma
E na atmosfera húmida
Envolta em insuportável imensidão
De mecanismo gasto e ressequido

Entes pálidos flutuavam
Moribundos do pensamento
Pela brisa escura soprados
Dos mais profundos enigmas

A memória movimentava-se
Agora com lentidão
Na essência da morte
E no cárcere do tempo
Cinzas do passado
Extinguia-se

Voámos no céu azul
Com a mente confinada à espada de aço maduro
Sem nenhum mistério entender
Sem ninguém que nos possa valer

O azul é infinito
No céu e no mar

Pouco mais há para conhecer

Sentara-se na cadeira rubra
Cinicamente

O desespero mentia
Em verde tonalidade

O povo ouvia
Protegido por vasta grade de ferros
O colorido da dor

Ali continuou
Impassível como escombros
Enfadonho e destruidor
Intangível
Repressivo

Ele
Era a essência do controlo
A arrastar-se nas luzes da fama
Coroadado pelo prestígio
Dos projectores ensanguentados

Ele
Belo e pungente
Com as longas patas
Expostas às profundezas
Da sublimação

Era o arbítrio
Migratório dos grandes pássaros brancos
Imagem insaciável da falsa eternidade

Ele
Era a miragem
Da ignorância

Do corrimão sujo e negro da fuligem
Do parlamento

Ao anoitecer
Uma estrada rumo ao mar
Um rio na gruta da montanha
A explosão da fúria da carne

Ao anoitecer
Quando o desejo ensandece

Noite da alma em solidão

No auge das marcas gravadas no asfalto corroído por
rodados de aço

A palavra transcendia-se

Na contradição do que é belo em forma de mulher

Despertara envolto em neblina

Imberbe S. Sebastião

Sem qualquer capacidade explosível

Uma centopeia no vidro sujo da janela

Inclinada para o mundo interior

E a erudição de três versos num papel amarrotado

Ali junto aos pés da cama espalhada entre flores

Nas montanhas uma dor intensa

Penetrante

Regatos fragmento de fantasia

De ilusão

E no céu

Aquela tremenda confusão

De nuvens

A obscurecer o Sol

Raia a alba na porta da velha igreja
Coberta de brinquedos de neve

Por entre as flores dos canteiros laterais
Vislumbravam-se ilhas de terra fecunda

O ar do bosque longínquo
Fresco e odorizado
Como pássaro vagueante
Trazia o auge da Primavera fria

O velho álamo despertava
Gritando de alegria
Ao vento Sul

Uma folha amarela
Desceu vagarosa
Da árvore doente
E a velha beata
De braços enlaçados à cinta
Aguardava
A glória do altar
Do sacrifício

O quarto inundara-se de luar
A noite não adormecia
Pingos de chuva escorriam lânguidos
Nas vidraças das janelas

Os galhos da árvore grande do jardim
Bejavam os beirados
Dos olhos abertos e exauridos

A luz ténue do astro nocturno
Era o amor da terra escura

Um fragmento luminoso
Atravessava a escuridão do caminho
Com as árvores negras
Fantasmagóricas
A inclinarem os seus braços ondulantes
Para o eterno caminhante

O dia aproximava-se
Ensolarado e límpido
Alma de vestal
Emoldurada na chama viva
Consumida na beleza momentânea do regato

O rio cintilante
De natureza inquieta
E o rochedo imenso
Do coração multicolorido
Na rosa vermelha do porão
Da bela feiticeira

Inelutável morte

A chuva miúda caía
Com um corvo a esvoaçar

Seguíamos cansados
Exaustos
Pela mão das rimas
No passo das estrofes

Mas
Aquela coisa incerta
Era nova
E o silêncio novo
A cada instante

As nuvens aproximavam-se
Existíamos sem que nunca tivéssemos existido
Éramos sem que nunca tivéssemos sido

Estranho
Aquele azul sem nuvens
A terra imóvel
As montanhas incendiadas
O infinito da mente

Falámos do medo
Daquele medo que é fruto do passado
Do que nascerá no futuro
Do medo que já vive no porvir
Falámos da benção
E da pesada barcaça mal calafetada
E do barqueiro sem proa
E do Sol
E do medo do medo

O homem caminhava na margem
Fria do rio colorido pelas penas
Das aves selvagens

Carregava consigo o fardo de séculos
De ossos perfumados pela fútil agitação
De conversações anacrónicas

Ao Norte as montanhas
Eram tensão e luta
Com pensamentos a resvalar nos rochedos

Os campos brilhavam
O Sol espreitava por toda a parte
As sombras desapareciam

Havia vida nas gotas de orvalho
Em todos os movimentos da brisa
Até na mais pequena das plantas

O homem parou
Um tronco de figueira estéril
Uma corda antiga
Entrançada à mão
Na angústia pérfida dos dias

Tudo findou
O próprio dia morreu
Na asfixia do ar paralisado
Ninguém o chorou
Tudo cessou

Os pés descalços
Lavravam a poeira da vereda
Ladeada de silvas
E de terra queimada

Árvores pálidas
No rosto marcado pelo desespero
Das distantes colinas

As curvas da estrada
Estavam silenciosas no vale
Onde dois abetos se entrelaçavam

Paisagem doce

Dela sobressaía
A casa da meditação
O quarto dos fundos
Da reclusão voluntária

E a Benção veio

Veio a tempestade com a sua purificação
Arrastando barcos para além do mar
Corpos desmembrados do espírito
Casas destelhadas dos jardins
E um bando de aves
Sobrevoava graciosamente os céus em formação

Chaminés incendiaram-se
Ventos protegeram os corações empedernidos dos
burgueses
Carregando para os covais
O caixão das almas dos pobres

A cidade dormia à superfície
Acordada nos subúrbios subterrâneos
Onde se gera a violência
Das luzes anónimas

Por baixo
As formas suavam incandescentes
Ao som de um quarteto envolto em nebuloso fumo
De vozes estranhas
Roucas
Recalcadas da fama
Numa busca miserável
De sossego e paz

Descia na direcção do Lago dos Desejos
Entre giestas e rochas doridas
Pelas borrascas da invernia

A vereda enlameada
Com a neve a derreter na confiança
Da nitidez do crepúsculo

Flores amarelas salpicavam
A alma atulhada de pecadinhos soltos
Nas extensas sombras da efemeridade

O sol já estava por detrás dos montes violáceos
Transportando a melancolia do anoitecer
Ao sopro fascinante da Primavera

E de tudo emergia
Uma eterna energia

As luzes amarelas da cidade
Conviviam com a das estrelas
E a dos automóveis inquietos

A atmosfera estava quente
Oprimindo o peito destroçado
Dos amantes abandonados

Amor deserto

Uma mulher encostara-se a um candeeiro
Na penumbra do desejo
Materializado em rápido sexo

Um carro
E outro
Um que pára
Um que escolhe não voltar para casa
Sem o perfume volátil da erecção
Em curto amar

O fundamento da razão era a razão
Os lábios da verdade molhados por uma saliva espessa
Olhos ensanguentados da vigília
Espraiavam-se nos pensamentos da cachoeira amarela

A ilusão do tempo
Deslumbrada
Percorria os quarteirões da falsa continuidade
Mutações das ampuhetas
Em mecanismos extravagantes

Lerda
Assomava à janela
A insónia
Temperada pela silhueta negra
Dos últimos passageiros da noite

Maio de 2011

JOSÉ MARIA ALVES